



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, n. 2 (2022).

ARTIGO ORIGINAL

DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n2p439-452

Kubai nos encanta: uma história indígena em Comunicação Aumentativa e Alternativa

Kubai enchants us: an indigenous story in Augmentative and Alternative Communication

Raquel de Cássia Rodrigues Ramos

(Raquel Kubeo, indígena pertencente ao povo Kubeo)

Mestra. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: raquelramosmao@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8596-1385>

Cláudia Rodrigues de Freitas

Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: freitascrd@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7105-8539>

Joseane Frassoni dos Santos

Doutoranda. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: jfrassoni@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0778-4162>

Sheyla Werner

Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: sheylawerner@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1714-4698>

Isabelle Bertaco

Graduanda. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: isabellebsantos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1670-1085>

Marilena Assis

Mestra. Audiodescritora. E-mail: professoramarilenaassis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9901-1196>

Resumo: O presente estudo é parte de uma pesquisa em andamento e, para este artigo, objetiva analisar a produção e a potencialidade de um livro infantil em multiformato, cujo conteúdo parte de uma história mitológica do povo indígena Kubeo, que descreve a criação do mundo. A obra em questão desenvolveu-se em língua portuguesa brasileira e língua indígena guarani, sendo essas mediadas por Comunicação Aumentativa e Alternativa. A criação do livro nas duas línguas mostrou-se pertinente ao reconhecimento das culturas indígenas na literatura infantil e à necessidade de propiciar acesso, às crianças indígenas e não indígenas, aos livros que narram histórias dos povos originários. A metodologia, de abordagem qualitativa, tem como referenciais o pensamento sistêmico com Bateson, assim como referências das culturas indígenas a partir de Munduruku, de Martins e Gomes e de Kambeba, entre outros. Foram levantados indicadores de matrícula a partir dos Microdados do Censo Escolar – 2020 de crianças indígenas de 0 a 12 anos, possibilitando observar a intensidade dessas matrículas no contexto de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O multiformato do livro permite o acesso às duas línguas, oportunizando a leitura e a aproximação com a história escolhida. As análises deste estudo apontam que a iniciativa desse tipo de produção pode abrir caminho para o intercâmbio cultural, permitindo às crianças, indígenas ou não, acesso e aproximação com as culturas indígenas e

com os livros que apresentam suas histórias. Destaca-se, também, como achado deste estudo, a possibilidade de as crianças indígenas se reconhecerem na literatura infantil escrita.

Palavras-chave: Literatura em multiformato; Língua guarani; Comunicação Aumentativa e Alternativa; Inclusão; Literatura infantil indígena.

Introdução

Nossa fantasia era alimentada e visitada por esses pequenos seres – verdadeiros – trazidos até nós pela voz cantilena de nossas avós^{1:14}.

A literatura infantil indígena é parte de uma cultura que, historicamente, foi silenciada, negada e desvalorizada pela cultura do colonizador, como menciona Eliane Potiguara: “No passado, nossas avós falavam forte. Elas também lutavam. Aí chegou o homem branco mau, matador de índio, e fez nossa avó calar”^{2:69}. Logo, hoje, faz-se imprescindível a garantia e a valorização das culturas indígenas em nosso país, garantidas também pela legitimidade de cada língua^{VII}.

É crível que uma das formas de enfraquecer uma cultura envolva a imposição de uma língua como aquela considerada a oficial, a que tem valor. Isso vem sendo desencadeado em nosso país há cinco séculos. Em 1500, época do início da colonização, os nativos totalizavam cerca de 5 milhões de pessoas ocupando o território brasileiro³ e, hoje, mostra-se imprescindível colocar essa questão em pauta, garantindo a visibilidade de histórias e de culturas dos povos originários. Na contramão de uma sociedade preconceituosa e racista, para a professora Fernanda Kaingang⁴, em depoimento gravado durante o evento Mekukradjá, a educação seria capaz de possibilitar a aprendizagem e a apreensão de outras culturas, principalmente daquelas historicamente inferiorizadas no contexto brasileiro. Desse modo, propor alternativas que viabilizem a superação das desigualdades torna-se urgente.

A expoente autora indígena, Graça Graúna, disserta sobre as dores e as esperanças relacionadas à resistência presente na literatura indígena contemporânea.

A nossa literatura contemporânea é um dos instrumentos que dispomos também para refletir acerca das tragédias cometidas pelos colonizadores contra os povos indígenas; a literatura é também um instrumento de paz a fim de cantarmos a esperança de que dias melhores virão para os povos indígenas no Brasil e em outras partes do mundo^{5:275}.

O papel dos autores indígenas é uma das principais particularidades da perspectiva do lugar de fala e dessa mesma fala enquanto ancestralidade. “Na literatura indígena brasileira, os escritores e escritoras empenham-se em esclarecer que a cultura indígena é formada por diferentes grupos que possuem tradições e práticas diversas entre si”^{6:230}. A magia que as palavras evocam vem dos vários tipos de história que se pode conhecer: aventura, poesia, cordel, da vivência real e da ficção. Viajar na ancestralidade nos permite encontrar aproximação com as vozes ancestrais “que foram impedidas de expressar o seu pensamento ao longo de mais de 500 anos de colonização”^{7:170}.

Dados recentes a respeito dos números referentes à população indígena no Brasil evidenciam, infelizmente, o quanto as práticas e as políticas dos colonizadores foram marcantes: “Segundo o censo do IBGE de 2010, os mais de 305 povos indígenas somam 896.917 pessoas. Dessas, 324.834 vivem em cidades [...] fora das terras indígenas. Estes são hoje conhecidos como indígenas urbanos ou urbanizados”^{8:11}.

Os povos que vivem em contexto urbano têm acesso às escolas e convivem com a língua portuguesa, muitas vezes, como se fosse a sua primeira língua. No entanto, é necessário questionar: como garantir a língua indígena escrita e falada em escolas? Como oportunizar que crianças não indígenas desfrutem e aprendam sobre as culturas indígenas? Sobre isso, o autor Daniel Munduruku ressalta alguns indícios do quão preciosa pode ser a possibilidade de ouvir histórias indígenas:

Um dia, eu estava contando histórias para um grupo de crianças pequenas. Narrava uma que havia escutado do meu avô. Era uma história comovente. No final, uma menina levantou o dedo e me perguntou: ‘Tio índio, onde posso encontrar essas histórias para eu ler?’. Fiquei sem jeito, pois não sabia o que responder. Mas isso foi como se um interruptor fosse ligado em minha cabeça: eu tinha que difundir aquelas histórias^{9:2}.

O acesso à literatura infantil indígena é bastante recente se comparado aos outros livros dirigidos a crianças pequenas, conforme evidenciado por este comentário de Graça Graúna^{7:174}: “No início da década de 1990, quase não havia notícias de publicações indígenas. Predominava a voz do outro e não a voz nativa”. Hoje, porém, há um número expressivo de autores reconhecidos pelas preciosas histórias infantis, e destacam-se nomes como Daniel Munduruku, Roni Wasiry Guará, Tiago Hakity, Cristino Wapichana, dentre outros. É notável que essa lacuna está começando a ser preenchida após a história de silenciamento dos povos originais do Brasil. Atualmente, podemos encontrar uma expressiva oferta de títulos escritos por indígenas, mas em português. Poucas e raras são as histórias escritas em alguma língua indígena e socializadas a todas as crianças.

No Brasil, para a Educação Básica, garante-se o conhecimento das tradições e da história dos povos indígenas por meio da Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008¹⁰, que cria a obrigatoriedade do ensino da história e das culturas dos povos indígenas nas instituições de ensino brasileiras. Essa normativa vem possibilitando que livros publicados de autoria indígena estejam mais próximos das crianças, indígenas ou não, no contexto das práticas escolares. Ressalta-se que, sob a ótica das relações étnico-raciais, há o início da “efetivação de (novas) práticas pedagógicas no currículo escolar, mais especificamente no âmbito do ensino de história, literatura brasileira e educação artística”^{11:199}. Nesse sentido, estabelecer aproximações entre a história escolhida e a língua em que pudesse ser contada, levou-nos a analisar nosso contexto: Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul.

Identificamos, ao menos, cinco escolas estaduais indígenas em Porto Alegre-RS, sendo três em contexto exclusivo indígena. Uma dessas, em cenário Guarani: Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pindo Poty, que, de acordo com os Microdados do Censo Escolar¹², possui quatro crianças indígenas entre cinco e nove anos. Parece não ser um número expressivo, no entanto, ao observarmos o total de matrículas desse grupo em Porto Alegre, entre zero e 12 anos, conforme a Tabela 1 a seguir, esse índice equivale a 1,7%.

Os indicadores de matrículas de crianças indígenas de zero a 12 anos em Porto Alegre indicam que a rede estadual tem se ocupado da escolarização dessas crianças, visto que detém 52% dessas matrículas. Os dados totais, considerando a faixa etária das crianças, sugerem que, na Educação Infantil, há 29 matrículas, sendo 14 de crianças de zero a três anos (creche) e 15 de crianças de quatro a cinco anos (pré-escola). É possível observar que a maior concentração se dá nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com 197 matrículas.

Esses dados evidenciam a intensidade de matrículas de crianças indígenas em Porto Alegre, o que requer um olhar atento desde o reconhecimento de suas culturas e de suas línguas, como também em relação à adequação de materiais que promovam a acessibilidade aos livros infantis.

Metodologia

A presente investigação faz parte de uma pesquisa^{VIII} em andamento que visa ao desenvolvimento de livros infantis em multiformato. Para este artigo, objetivou-se analisar a produção de um livro infantil, cujo conteúdo é uma história mitológica do povo indígena Kubeo a respeito da criação do mundo,

desenvolvida nas línguas guarani e portuguesa, sendo essas mediadas por Comunicação Aumentativa e Alternativa^{IX} (CAA).

Este estudo tem abordagem qualitativa, com base teórica na perspectiva do pensamento sistêmico¹³⁻¹⁶, assim como articulação com referencial cultural indígena^{9,8}. No entanto, destaca-se que a interlocução com as culturas indígenas se fez presente – e necessária – a todo momento, tanto nos diálogos e nas produções conjuntas com estudantes e pesquisadores indígenas, como no acesso a referências indígenas acerca das culturas e da literatura^{15,17,18}.

A prospecção dos dados de matrículas, realizada por intermédio do programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), de crianças indígenas de 0 a 12 anos nos Microdados do Censo Escolar¹², colocados em evidência anteriormente, deu-se a fim de observarmos a intensidade de matrículas dessas crianças, no contexto de Porto Alegre, com vistas a compreender a importância da produção de um livro que contemple culturas indígenas.

A pesquisa tem como alicerce o grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Multi/UFRGS, que se articula a partir de investigações com os conhecimentos multidisciplinares de um coletivo formado por profissionais como pedagogas, professores de educação especial, consultores em deficiência visual, especialistas em design, estudantes de graduação de diferentes áreas e uma indígena originária do povo Kubeo. Em alguns momentos, em função do projeto, o grupo amplia seu escopo de trabalho e inserem-se novos convidados de forma a garantir aspectos como legitimidade cultural para dar fidedignidade ao projeto. Para esta pesquisa, foi possível interlocução com pessoas da cultura Kubeo e Guarani e, assim, buscamos a direção teórico-metodológica que permitia “o fazer COM o outro a pesquisa e não SOBRE o outro, mas também porque é em coletivo que os movimentos se tecem”^{19:153}.

Kubai, o Encantado: uma história indígena em multiformato

Entre os indígenas de várias partes do mundo, a palavra é um elemento sagrado. Na visão Guarani, por exemplo, a palavra tem alma. Palavras e identidade se confundem; palavra que passa de pai para filho, dos avós para os netos; palavra carregada de água, palavra vinda da terra, palavra aquecida pelo fogo, palavra tão necessária quanto o ar que se respira; palavra que atravessa o tempo^{7:173}.

A busca por uma história indígena foi um desafio que nos levou a muitas produções preciosas cuja procura propiciou o encontro com uma animação: “El Retorno del Kubai”, lançada em 2012^X. Esse vídeo

inspirou e orientou uma das pesquisadoras do grupo, que possui raízes identitárias do povo Kubeo. Na sequência, o grupo inicia a tessitura da história de Kubai, o Encantado:

Era uma vez Kubai, um ser encantado, aventureiro e curioso, que criava coisas usando a magia das palavras. Certa vez, em um lugar distante e escuro, ele falou: 'Que belas folhas coloridas se façam sentir'. Criando, em seguida, uma linda floresta. No meio daquelas enormes árvores, teve outra ideia: 'nesta floresta pode ter animais'. E, de repente, o primeiro surgiu: era grande e com pelos macios, era uma onça alegre e observadora. Kubai percebeu, do alto das árvores, que ainda faltavam sons por ali e, brincando com palavras, criou pássaros cantantes. O pássaro mais colorido logo lhe entregou um lindo cocar, agradecendo pela liberdade de voar. Kubai olhou para baixo e, sentindo o chão terroso sob seus pés, percebeu que havia um lago sendo feito: era a anaconda que rastejava inventando uma trilha. Então, Kubai, o Encantado, seguiu o caminho e chegou às águas refrescantes do Rio Negro, onde mergulhou até lá no fundo e continuou a criar e a brincar. O que será que ele vai inventar agora²¹?

Da história inicial, representada no vídeo a partir da contação do povo Kubeo, uma (nova) história. Nesse processo de criação e de adaptação, buscamos a tradução para a escrita em guarani, pois tínhamos, a partir da pesquisadora indígena do grupo, uma recepção positiva. Entre encontros online para o desenvolvimento do livro e as adaptações de recursos, foi garantida a cuidadosa tradução para o guarani. Assim, com o texto em guarani e em português, o grupo direcionou sua atenção à tradução/mediação em CAA.

O desenvolvimento do livro *Kubai, o Encantado* gerou um grande desafio: conciliar a representação da rica cultura Kubeo às normas de acessibilidade. Para a Comunicação Aumentativa e Alternativa, o sistema de pictogramas escolhido^{XI} apresentava uma visão europeia para as representações de diversos termos-chave da história, incoerentes com a cultura de origem do mito. Assim, mostrou-se necessário desenvolver novos pictogramas para haver correspondência, seguindo as orientações de acessibilidade e buscando manter a unidade de estilo com os demais pictogramas oficiais do sistema.

A produção das ilustrações

Para a produção das imagens, procuramos, inicialmente, a geometrização das formas, característica da cultura indígena, o que acabava conflitando com os requisitos de realismo na proporção e na rigidez das imagens. No desenvolvimento da pesquisa, analisamos as produções indígenas disponíveis entre

importantes editoras a fim de desenvolver grafismos para as imagens, no intuito de que a relação dessa cultura com a natureza fosse mais representativa.

Nesse encontro literário e cultural, despontou um lugar especial para a ancestralidade indígena, que acontece de acordo com o grupo étnico ao qual a história pertence¹⁸. São os mitos, mistérios de cada cultura, que revelam a maneira de pensar, e “os pequenos veem e aprendem maneiras de prover seus alimentos”^{17:164}, por exemplo.

A produção da história em CAA

Conforme já mencionado e considerando as articulações elucidadas anteriormente, para a composição da história, partimos, inicialmente, de uma narrativa mitológica do povo indígena Kubeo a respeito da criação do mundo. A partir da escolha dessa história, teve início o andamento da produção da adaptação da história e, na sequência, da produção de ilustrações e do desenvolvimento da articulação entre o texto em guarani e português, com a posterior mediação em CAA, objetivando garantir a acessibilidade para crianças integrantes da cultura indígena Guarani ou não. “A CAA engloba as diferentes formas de comunicação como: gestos, língua de sinais, expressões faciais, e até o uso de softwares capazes de apoiar a comunicação”^{21:5}.

A presente pesquisa direcionou seus esforços para desenvolver um livro em multiformato^{XII}, capaz de integrar diferentes recursos tecnológicos, físicos e digitais, com o objetivo de viabilizar o acesso a públicos diversos. *Kubai, o Encantado*, além de ser escrito nas línguas guarani e portuguesa, mediadas pela CAA, oferece acesso à audiodescrição e à contação da história em guarani, português e Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de QR Code ou DVD.

A criação do livro tomou como base a necessidade de estabelecer a interlocução entre pesquisadores indígenas e não indígenas. A tessitura da história procurou dar destaque a uma e a outra língua, sem que nenhuma fosse definida como a primeira língua, buscando, desse modo, garantir o uso compartilhado do livro por crianças indígenas e não indígenas.

Resultados

A história de Kubai desenvolveu-se em multiformato, com texto em guarani e em português, associada à escrita em símbolos. São notáveis a qualidade e a pertinência da tradução para a língua guarani tecida por Neusa Poty Quadros, indígena da etnia Guarani Mbyá, professora de língua e cultura Guarani da Mbyá Aldeia Tekoa Palmeirinha e integrante da comissão Guarani Yvyrupá, pois, no encontro com as palavras, há muito mais do que novas (e antigas) formas de dizer o que já conhecemos, ou seja, existem possibilidades para descobertas para a própria curiosidade, aguçando o desejo de compreender mais. Assim, nesse deslizar entre português e guarani, há exatamente o que Kubai, em sua essência mitológica, oferece: encanto.

O livro está em multiformato, oportunizando não somente o acesso às duas línguas, mas também a possibilidade para escutar, assistir, sentir, permitindo compartilhar a história, as sensações e as emoções. Em especial, pode-se dizer que esse livro garante aproximação com a história e as línguas envolvidas.

Ressalta-se, ainda, que o povo Guarani possui grande diversidade na organização dos subgrupos, sendo três deles reconhecidos no Brasil pelos nomes: Mbyá, Kaiowá e Ñandeva. Durante a pesquisa para a produção do livro, buscou-se a aproximação da cultura Mbyá, presente no estado do Rio Grande do Sul^{XIII}. Aspectos tais que ressaltam e ampliam a pertinência da literatura nas línguas indígenas.

Discussão

Ao folhear as dezenas de obras já publicadas por autores de diversas etnias, é notável o quanto os livros são importantes dispositivos de interlocução para apresentar o mundo indígena não apenas às crianças indígenas, mas também àquelas não indígenas, ou seja, uma parceria entre indígenas e não indígenas, a qual se dará a partir e com uma história infantil. Reconhecemos a oportunidade dessa parceria para compreender “a necessidade da interação entre uma atenção holística com a lógica interna de cada povo e sua interpelação com o cosmos”^{22:20}.

Contar histórias para crianças bem pequenas, ou mesmo lê-las em voz alta, a partir de livros ilustrados, corresponde à importância do desenvolvimento emotivo e cognitivo. Independentemente de ser uma ação desenvolvida pela professora ou entre eles, explorar histórias, contá-las, ouvi-las ou apenas observar suas ilustrações, nunca é uma ação única, isto é, está sempre acompanhada da imaginação, das emoções, da elaboração de novas possibilidades, da troca. “[...] podemos pensar no

conto, não como instrumento isolado, mas como um mediador capaz de favorecer as interações [...]”^{23:86}.

As palavras e as emoções que entram ou não na narração validam a direção de permitir aprender e de se colocar no lugar do outro, ingrediente que contribui, com o tempo, também para as narrativas individuais, facilitando as relações e o aprendizado. Para as crianças pequenas, tal experiência, tão agradável e importante, forja alimento precioso à mente e ao coração.

Considerações finais

De acordo com Bateson¹⁴, todos pensamos em termos de história. O grupo de pesquisa Multi/UFRGS considerou essa premissa ao se propor a desenvolver um livro infantil cujo tema é uma história ancestral do povo Kubeo, a qual explica a origem de todas as coisas do mundo como um presente desse ser encantado para os seres humanos.

A ideia de contar a história em duas línguas associa-se ao direito constitucional, à autonomia e à autodeterminação dos povos originários do Brasil. Além disso, envolve o reconhecimento de sua importância para a identidade cultural do país, o que pode ser considerado recente em nossa história, ainda que imprescindível. Igualmente, conecta-se com as bases do grupo Multi/UFRGS, que busca valorizar e dar visibilidade à diversidade, garantida em livros infantis em multiformato acessível.

A história de Kubai vem sendo transmitida oralmente desde o começo do mundo, conforme a tradição do povo Kubeo, aspecto que deu origem à transmissão da sabedoria dos antigos e da cultura como é conhecida hoje. Nos povos indígenas, isso acontece sob a responsabilidade dos mais velhos, como os sábios, conhecidos geralmente pelo nome de pajés, permitindo que essa sabedoria chegue até nossos dias.

A literatura dos povos indígenas e a perspectiva da revitalização das línguas indígenas na concepção da interculturalidade desta pesquisa são importantes para o acesso a uma história indígena ofertada em língua guarani. Tal iniciativa abre caminhos possíveis para um intercâmbio cultural que envolve diferentes modos de comunicar. Por meio da história *Kubai, o Encantado*, promovida em CAA, é possível, ainda, que crianças, indígenas ou não, possam se aproximar dessa cultura milenar. Outro aspecto a ser destacado refere-se à importância de as crianças da etnia Guarani terem acesso a um livro cuja história está escrita em sua língua e que trata sobre seus mitos e suas tradições. Esse elemento dá

visibilidade e reconhecimento às crianças indígenas, considerando que até pouco tempo elas não se identificavam na literatura infantil.

Como resultado parcial da pesquisa, foi editado um livro pela gráfica da UFRGS: *Kubai, o Encantado*. O resultado esperado, a partir da oferta da história de Kubai, em língua guarani e em português, e mediado pela CAA, relaciona-se ao processo de ressignificação da forma como os leitores podem ter acesso à literatura. Garantir o direito à leitura e o direito à preservação das culturas de povos originários do Brasil, conseqüentemente, é algo que beneficiará a todos os públicos.

Notas

^I Importante dizer que existe um Projeto de Lei em tramitação (PL 3.074/2019) que: “Dispõe sobre a cooficialização das Línguas indígenas nos municípios brasileiros que possuem comunidades indígenas.”. O projeto está em consonância com a Declaração das Nações Unidas sobre os Povos Indígenas (2009). Para mais informações: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=F7C66B70C3DC2E24F8DA5B12F1B211D4.pr oposicoesWebExterno1?codteor=1846199&filename=Avulso+-PL+3074/2019.

^{II} A presente pesquisa conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

^{III} Trata-se de um sistema de comunicação por símbolos/pictogramas que visa suplementar, complementar, aumentar ou dar alternativas à comunicação²⁰.

^{IV} Filme documentário. Disponível em: https://youtu.be/miRLD_-lhUk

^V Os símbolos pictográficos usados são propriedade do Governo de Aragão e foram criados por Sérgio Palao para ARASAAC (<http://www.arasaac.org>), que os distribui sob uma Licença Creative Commons BY-NC-SA.

^{VI} A história tem uma segunda versão com impressão em braille e tinta em fonte ampliada, além de imagens ilustradas táteis. Destacamos, ainda, que a ideia de um livro em multiformato é a de ampliar o acesso através dos variados formatos, podendo oferecer recursos tecnológicos fomentados a partir da ideia de ampliação dos formatos a fim de enriquecer a experiência para todos.

^{VII} Destaca-se que os Guaranis Mbyá também estão na Região Sudeste do Brasil, desde o Litoral à Mata Atlântica, e também no Paraguai.

Referências

1. Souza ER. Literatura indígena e direitos autorais. In: Dorrico J, Danner LF, Danner F, organizadores. Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi; 2018. p. 37-38 [citado 2021 maio 28]. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>
2. Kaingang F. Culturas indígenas. Gravação de Mekukradjá – Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território [Internet]. Produção: Itaú Cultural. São Paulo; 2017 [citado 2021 maio 28]. Disponível em: <https://www.youtube.com/>

[watch?v=a66oSL8bsTU&t=2s&ab_channel=Ita%C3%BACultural](#)

3. Graúna G. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. Educ Ling [Internet]. 2012 [citado 2021 mar. 03]; 15(25):266-276. Disponível em: https://www.academia.edu/26167962/Literatura_Ind%C3%ADgena_no_Brasil_contempor%C3%A2neo_e_outras_quest%C3%B5es_em_aberto
4. Dorrico J, Danner LF, Danner F, organizadores. Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [Internet]. Porto Alegre: Editora Fi; 2018 [citado 2021 mar. 28]. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>
5. Graúna G. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza; 2013.
6. Munduruku D. Coisas de índio: versão infantil. 3. ed. São Paulo: Callis; 2019.
7. Munduruku D. Memórias de índio: uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra; 2016.
8. Brasil. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília (DF): Casa Civil; 2008.
9. Brandileone APFN, Valente TA. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. Est Lit Bras Cont [Internet]. 2018 [citado 2021 jun. 16]; 53:199-217. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000100199&lng=en&nrm=iso
10. Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP [Internet]. Censo Escolar da Educação Básica, 2020 [citado 2021 jun. 05]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar>
11. Bateson G. Verso un’ecologia della mente. Milano (IT): Adelphi Edizioni; 1977.
12. Bateson G. Mente e Natureza. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1986.
13. Munduruku D. Histórias que ouvi e gosto de contar. São Paulo: Callis; 2004.
14. Munduruku D. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: Martins MSC, organizadora. Ensaio em interculturalidade: literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização. Campinas: Mercado de Letras; 2014. p. 173-183.
15. Martins AA, Gomes N L. Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual. In: Rangel EGON, Rojo R, organizadores. Coleção explorando o ensino: Língua Portuguesa. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2010. p. 141-170.
16. Kambeba M. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: Dorrico J, Danner LF, Correia HHS, Danner F, organizadores. Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Porto Alegre: Editora Fi; 2018. p. 39-44.
17. Moraes M, Simbine AJ, Lopes BPZ, Couto CSR, Trebisacce DCR, Chaves GF, et al. PesquisarCOM: efeitos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e com baixa visão. Pesq prá psicossociais [Internet]. 2016 [citado 2021 jun. 15]; 11(1):147-160. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100012&lng=pt&tlng=pt
18. Passerino L, Bez MR. SCALA: Tecnologia Assistiva de Comunicação Alternativa. GamePad [Internet]. 2013 [citado 2021 jun. 16]; 1:1-16. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/eb56fa2f-339b-4896-b55e->

[Oc658b1a0c35/Scala%20%20Tecnologia%20Assistiva%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Alternativa.pdf](https://ojs.revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2540)

19. Ramos R, Freitas C, Freitas S, Tezzari M, Bertaco I. Kubai, o Encantado. In: Freitas CR, Cardoso E, organizadores. Kubai, o Encantado. Porto Alegre: Marca visual; 2021.
20. Rodrigues RP, Barroso RFF, Emmi DT, Santos JGW. Análise das ações e serviços voltados à saúde indígena nos planos regionais de redes de atenção à saúde do Pará. Saúde em Redes [Internet]. 2020 [citado 2021 jun. 17]; 6(3). Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2540>
21. Gutfreind C. O Terapeuta e o Lobo. A utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

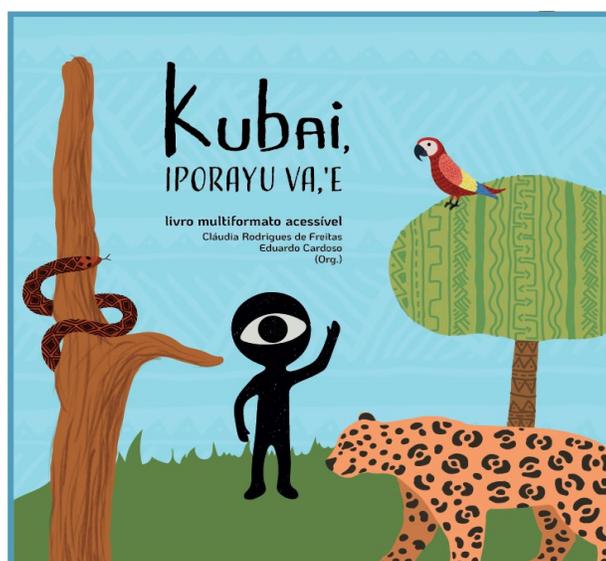
Ilustrações, tabelas e quadros

Tabela 1. Matrículas de crianças indígenas de zero a 12 anos em Porto Alegre, por dependência administrativa.

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	IDADE													TOTAL	
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
FEDERAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MUNICIPAL	0	0	0	0	1	0	5	16	13	3	8	7	12	65	
ESTADUAL	0	0	0	0	1	4	7	24	17	16	20	18	11	118	
PRIVADA	0	6	3	5	7	2	4	4	3	2	3	3	1	43	
TOTAL	0	6	3	5	9	6	16	44	33	21	31	28	24	226	

Fonte: Elaboração própria com base nos Microdados do Censo Escolar¹².

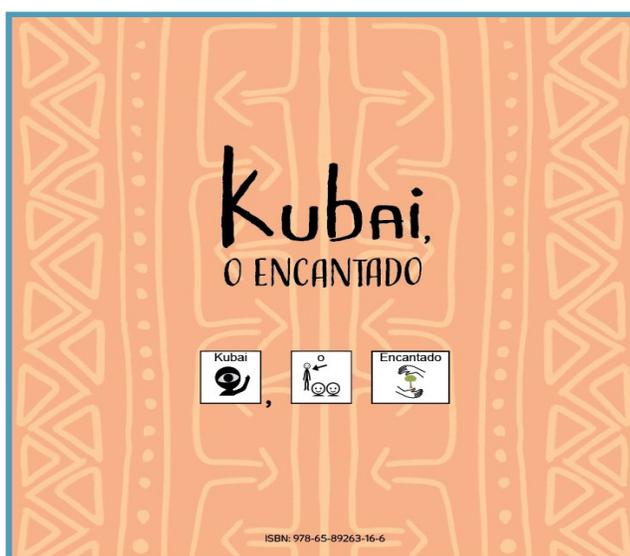
Figura 1. Capa do livro *Kubai, o Encantado*.



Fonte: Grupo de pesquisa Multi/UFRGS.

Descrição da imagem: sobre fundo azul-claro com grafismos indígenas e com linhas inclinadas e triângulos enfileirados na horizontal, figuram os personagens do livro e o título em preto: Kubai, o Encantado. Ao centro, Kubai; à direita dele, uma grande árvore de copa verde com uma arara vermelha no alto, e, mais à frente, uma onça pintada. À esquerda de Kubai e um pouco mais à frente, em alinhamento com a onça, uma cobra laranja enroscada no tronco de uma longa árvore. Abaixo do título, em preto: livro multiformato acessível. Cláudia Rodrigues de Freitas, Eduardo Cardoso – organizadores.

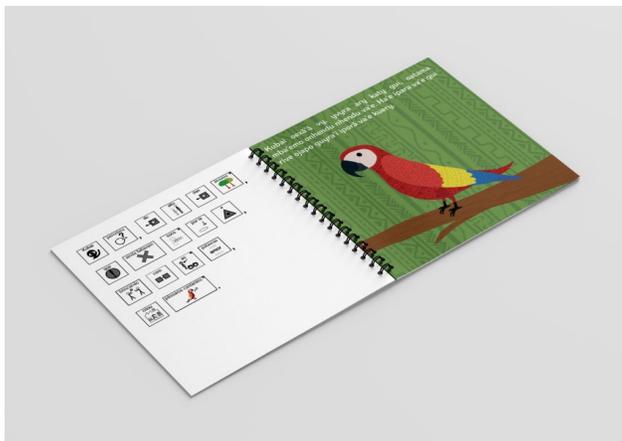
Figura 2. Folha de rosto.



Fonte: Grupo de pesquisa Multi/UFRGS.

Descrição da imagem: sobre fundo laranja, em laranja-claro, grafismos indígenas. Das laterais para o centro, uma fileira vertical de triângulos encaixados uns aos outros, seguida por uma longa fileira de bolinhas entre duas linhas verticais e, ao centro, traços retos em sequência que lembram setas. Sobre os desenhos, em preto, o título: Kubai, o Encantado.

Figura 3. Livro com símbolos pictográficos de comunicação.



Fonte: Grupo de pesquisa Multi/UFRGS.

Descrição da imagem: duas fotos inclinadas, lado a lado, do livro aberto sobre uma superfície branca, ocupando duas páginas. A página da esquerda, em fundo branco, compõe-se por quatro linhas com pictográficos de comunicação. Na primeira linha, figura-se escrito: “Kubai percebeu, do alto das”; na segunda linha, “árvores, que ainda faltavam sons”; na terceira linha, “por lá e, brincando com as”; na quarta linha “palavras, criou pássaros cantantes”.

Na página da direita, sobre fundo verde, grafismos indígenas em verde escuro compostos por várias fileiras verticais de linhas retas em zigzag, tracejadas e com triângulos intercalados com bolinhas. Ao centro, bem grande, uma arara vermelha vista de lado, para a esquerda, sobre um tronco marrom. A ave tem o corpo e grande parte das asas cobertos por penas vermelhas. Ao alto da página, escrito em guarani: Kubai oexã'ã vy, yvyra ary katy gui, oatama mba'emo onhendu va'e. Ha'e ipara va'e gui rive ojapo guyra'i iporã va'e kuery.

Contribuição dos autores

A primeira autora realizou a pesquisa que deu origem ao texto. As autoras participaram do delineamento e análise do artigo e são membros do grupo de pesquisa em que se inseriu o desenvolvimento da pesquisa. A organização dos dados, sua análise e interpretação foram compartilhadas, bem como a elaboração do texto. A última autora realizou a descrição das imagens apresentadas na publicação.

Como citar: Ramos RCR, Freitas CR, Santos JF, Werner S, Bertaco I, Assis M. Kubai nos encanta: uma história indígena em Comunicação Aumentativa e Alternativa. *Saúde em Redes*. 2022; 8 (2). DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n2p439-452